

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
COORDENADORIA INSTITUCIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CIED
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

César Pereira da Silva

**O BULLYING HOMOFÓBICO A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS/AS
PROFESSORES/AS DA EJA DE DUAS ESCOLAS DE ARAPIRACA**

Orientadora: Elvira Simões Barretto

Maceió - 2016

O bullying homofóbico a partir da percepção dos/as professores/as da EJA de duas escolas de Arapiraca

César Pereira da Silva¹

Elvira Simões Barreto²

RESUMO: A identificação da percepção de professores/as sobre o *bullying* homofóbico auxilia na elaboração de estratégias eficazes de implantação da Educação Sexual. Assim, o presente trabalho objetivou pesquisar a percepção que @s discentes da EJA de duas instituições de ensino público municipal de Arapiraca tem sobre o *bullying* homofóbico, partindo de uma ferramenta básica, a entrevista. Foram realizadas palestras para apresentação da proposta do estudo aos gestores e professores de cada estabelecimento, seguido da aplicação de um questionário semiestruturado em cada uma delas, para verificar a percepção que eles/as possuem sobre o referido tema. Observou-se que todos/as os/as professores/as das duas escolas, afirmaram que se engajariam caso a sua escola resolvesse implantar projetos sobre identidade de gênero, orientação sexual e combate ao *bullying* homofóbico no ambiente escolar. Baseado nessa disponibilidade é importante que as escolas estudem possibilidades de realizar atividades contínuas de educação sexual aproveitando o engajamento de toda a comunidade escolar, salientando que não basta apenas uma prática educativa em sala de aula, é preciso ações que promovam mudanças na sociedade no que se refere à desconstrução dos rígidos padrões de identidade, gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Identidade de gênero. Orientação sexual. *Bullying* homofóbico.

The homophobic bullying from the perception of teachers of EJA in two Arapiraca's schools

ABSTRACT: The identification of the teacher's perception about homophobic bullying assists in developing effective strategies for implementation of Sexual Education. The present study aimed to investigate the perception that students of EJA two municipal public education institutions have Arapiraca on homophobic bullying, starting from a basic tool, the interview. lectures were held for bid submission of study for managers and teachers from each school, followed by applying a semi-structured questionnaire in each of them, to verify the perception that el @ s have on the said topic. It was observed that all teacher @ s of the two schools, said they would engage if your school decided to implement gender identity on projects, sexual orientation and combating homophobic bullying in the school environment, based on that availability is important that the study schools possibilities for ongoing activities of sex education enjoying the engagement of the whole school community, noting that not only educate in the classroom, we need actions that promote changes in society as regards the deconstruction of rigid standards of identity, gender and sexuality.

Keywords: Gender identity. Sexuality orientation. Homophobic bullying.

¹ Graduado em Biologia pela Universidade Federal de Alagoas - Campus de Arapiraca
professorcesarpereira@gmail.com

² Doutora em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona elvirasbarreto@gmail.com

Introdução

Nas últimas décadas os meios de comunicação têm alardeado sobre inúmeros casos de homofobia e vários episódios de violência, tanto física quanto simbólica contra as minorias sexuais. O termo *homofobia* engloba todas as manifestações de preconceito, discriminação e violência contra estas minorias, atualmente identificadas como gays, lésbicas, travestis e transexuais. De forma simplificada, segundo Borrilo (2009), é a atitude de hostilidade para com os homossexuais.

Esta é uma temática ampla e complexa que desafia reflexões mais aprofundadas. Várias são as perspectivas adotadas para abordá-la, porém adentramos no debate sobre como a escola, a partir da percepção de seus/suas professores e professoras, tem lidado com os casos em que seus/suas alunos e alunas são vítimas de *bullying* homofóbico em meio às relações escolares.

Refletir sobre adolescentes e adultos/as vítimas de *bullying* homofóbico é uma possibilidade de questionar os paradigmas sociais vigentes, como a heteronormatividade - conceito criado pelo pesquisador americano Michael Warner em 1993, para descrever o referente que adota a sexualidade heterossexual como norma universal e os discursos que descrevem a situação homossexual como desviante-, para que assim possamos propor formas de enfrentamento, pensadas a partir de uma investigação acadêmico-científica.

A angústia e o sentimento de frustração desencadeada pela atuação não preventiva da escola, favoreceram a necessidade de pesquisar sobre o fenômeno do *bullying* homofóbico, tão visível dentro dos muros das escolas. Nesse sentido, devido à nossa experiência profissional, percebemos que uma das formas de se pensar em prevenção seria refletir sobre a contribuição da escola a partir da apreensão da percepção dos profissionais da educação sobre a problemática, na perspectiva de promover possíveis formas de enfrentamento da homofobia contra adolescentes e adultos.

Partimos do pressuposto, conforme inferem Ribeiro e Martins (2006, p.09) que, "assim como a educação informal interfere e influencia adolescentes e adultos, a escola é um espaço privilegiado, capaz de propor ações para modificar ou diminuir as estatísticas de violência como a homofobia".

Nesse caminho, assumimos o desafio de refletir sobre o que diz respeito à atuação dos/as professores/as ao detectar o problema no cotidiano da escola, na contemporaneidade. Não buscamos entender a perspectiva dos alunos e alunas como prováveis vítimas, mas

procuramos, mediante a análise da percepção de professores e professoras da EJA de duas escolas públicas do município de Arapiraca, compreender os sentidos produzidos a partir das posições assumidas pelos educadores e educadoras, a respeito desta realidade que afeta seus/suas alunos e alunas dentro da escola. Em pesquisa realizada por Ribeiro e Martins (2006, p.12), verificaram que “o tema [...] não está inserido na proposta de trabalho das escolas. Em nenhum projeto pedagógico analisado constatamos a existência de subprojetos que objetivassem a prevenção/atendimento aos casos de maus-tratos”.

Embora Lyra, Constantino e Ferreira (2010, p.06) afirmem que "o papel do educador diante dos maus-tratos seja amplamente discutido e reconhecido pela comunidade científica, observa-se que esse papel, em sua grande maioria, não é efetivado". Em várias realidades expostas pelo Brasil afora, a ação, com vistas a trabalhar questões relativas aos problemas sociais, é deixada à margem dos conteúdos ministrados em sala em aula. Contudo, necessitamos compreender como esse assunto é tratado nas escolas municipais da cidade de Arapiraca.

Assim, a práxis do educador é desvelada na análise de sua percepção, sustentado a partir de determinações, vistas em sua materialidade discursiva, com base nas categorias que sustentaram a nossa análise. Para que isso ocorra, é preciso ter sempre em mente as questões que nos nortearam nessa tarefa: Qual a percepção do/a professor/a, que atua na escola do século XXI, acerca do bullying homofóbico? A busca pelas respostas a essas perguntas é que nos guiaram no decorrer desse trabalho.

Com base nesses questionamentos foram definidas duas hipóteses: Hipótese nula (H1) – O/A professor/a através da sua percepção (ou ausência dela) estigmatiza ou vitimiza ainda mais seus alunos e alunas, já traumatizados pela homofobia sofrida na escola. Hipótese alternativa (H2) – O/A professor/a direciona sua prática para uma possível transformação dessa abjeta prática escolar e social pela possibilidade de viabilizar um processo ético de socialização e libertação dos sujeitos e sujeitas envolvidos em condições de homofobia.

Infelizmente encontrarmos poucos estudos pelo Brasil afora, cujo enfoque se apresenta na homofobia, sendo assim, estamos propondo, através da análise da percepção, entender, especificamente aqui no estado de Alagoas, em especial no município de Arapiraca como está sendo tratado esse assunto pela escola pública. Certamente, aqui no estado estaremos levantando um debate novo, sobre uma problemática relativamente nova, tendo em vista que o primeiro caso devidamente registrado de *bullying* homofóbico no Brasil se deu em 2011 em uma escola estadual, onde no dia 22 de março, um garoto de 15 anos foi submetido, por três

minutos, a uma sessão de nove tapas no rosto por outro aluno, na escola estadual Gentil de Albuquerque Malta, na cidade de Mata Grande, sertão alagoano.

Um vídeo, registrando a agressão, foi parar na internet, mas retirado por "fazer apologia ao ódio". As imagens mostram ainda que outros alunos zombaram da vítima, pedindo que ele dançasse a música da cantora Lady Gaga. No vídeo, o agressor diz que a vítima havia feito 'fofoca' sobre ele a colegas. A vítima negou. O agressor foi suspenso por oito dias. O agredido voltou às aulas. Ele havia pedido a direção para mudar o horário do estudo, por causa das ameaças, depois que assumir ser homossexual. A direção negou o pedido. (O GLOBO ,2011).³

O *Bullying* homofóbico é devastador para os alunos e as alunas, pois quando não suportam mais os maus tratos na escola estes se afastem das instituições de ensino, conseqüentemente, abandonando seus estudos. Como nos mostra o depoimento de uma aluna estudante de uma escola pública de Salvador - BA.

Na minha sala, tinha um menino homossexual e a galera, os meninos, o perturbaram tanto até ele sair da escola, não voltou. Ele chegava assim, todo assim, e os meninos ficavam perturbando, fazendo hora, brincando. Acabou que teve que sair da escola porque foi muito forte a história. Acho que deveria ter mais campanha na escola para alertar a galera que vivemos num país democrático. Hoje cada um é e pode ser o que quer. Acho que é importante respeitar os outros (ABRAMOVAY, 2004, p. 287).

Para concluir, procuramos mostrar que esse trabalho fomentará uma discussão importante, camuflada no cotidiano social, mas, existente numa escala maior do que a sociedade percebe. Nos fez, ainda, refletir sobre as possibilidades de enfrentamento, trazendo à tona, mediante a percepção, as coerências e incoerências praticadas pelos atores sociais, no espaço escolar, uma vez que são responsáveis por proteger adolescentes e adultos e agir na direção do enfrentamento desse tipo de violência que afeta de perto alunos e alunas das nossas escolas. Além disso, tal questão interfere, direta e indiretamente, nas relações sociais, produzindo sentidos outros, capazes de reforçar e manter as relações violentas não só na escola, mas em variados âmbitos sociais. O espaço escolar segundo Borges e Meyer (2008, p???)

[...] é um dos espaços privilegiados de transformação social e, nesse sentido, é possível olhá-la em seu potencial e capacidade de colaborar para a construção de uma sociedade melhor, mais democrática e igualitária. Refletir sobre o potencial educativo, crítico e questionador da escola pode ser um caminho para alterar posturas e

³ Em: <http://oglobo.globo.com/brasil/alagoas-registra-caso-de-bullying-homofobico-em-escola-publica-2800437>

comportamentos, e, talvez, quando articulada a outros espaços, ela contribua para promover transformações sociais de longo prazo, podendo vir a ser um instrumento capaz de abrir horizontes e provocar transformações pessoais e coletivas.

Metodologia da investigação

Perfil da Amostra

A amostra foi constituída por 19 professores do 6º ao 9º anos da EJA noturno, sendo 07 (36,8 %) do gênero masculino e 12 (63,1 %) do gênero feminino. Os professores foram provenientes de duas escolas municipais do município de Arapiraca, Alagoas, sendo 09 (47,3 %) da escola A e 10 (52,6%) da escola B. Na escola A foram aplicados nove questionários da percepção sobre o *bullying* homofóbico a professores do sexto ao nono anos, da EJA, Na B buscou-se conhecer a percepção de 10 professores do sexto ao nono anos, da EJA.

Quanto à contextualização da amostra, gostaríamos de esclarecer que este trabalho foi realizado no período de novembro de 2015 à janeiro de 2016. Tratou de um estudo do meio, fundamentado nos pressupostos da pesquisa quali-quantitativa, transversal, usando como estratégia a investigação de campo de caráter exploratório, "que tem por finalidade a elaboração de instrumento de pesquisa adequado a realidade" (PIOVESAN, TEMPORINI, 1995). Sob a regência das questões de pesquisa, buscamos conhecer as práticas discursivas dos/as professor/as da EJA de duas escolas públicas municipais de Arapiraca em que ocorreram *bullying* homofóbico, contando com uma amostra de onze professoras e oito professores das duas instituições de ensino básico (denominadas Escolas A e B), do município de Arapiraca. Os/as referidos/as professores/as desenvolviam suas atividades pedagógicas do 6º ao 9º ano da EJA, com idade entre 26 e 40 anos, do turno noturno.

No período da pesquisa a escola A contava, no ensino da EJA, com cerca de 6 professoras e 3 professores distribuídos em 2 de Português, 2 de Matemática, 1 de Ciências, 1 de Geografia, 1 de História e Arte e Religião, 1 de Inglês, 1 de Educação física, no período noturno. Enquanto que a escola B contava com 5 professores e 5 professoras, distribuídos em 2 de Português, 2 de Matemática, 1 de Ciências, 1 de Geografia, 1 de História, 1 de Arte e Religião, 1 de Inglês, 1 de Educação física, no período noturno. Tanto na escola A quanto na escola B foram pesquisados 100% dos professores da EJA noturno.

No que se refere aos procedimentos Metodológicos, a princípio realizamos um levantamento bibliográfico, a fim de se conhecer a realidade dos alunos e alunas

homossexuais nas instituições de ensino. Em seguida, procedemos com uma entrevista, ou seja, a entrega dos questionários semiestruturados para cada um/a dos/as professores/as a fim de colher as respostas por escrito, os/as entrevistados foram escolhidos aleatoriamente independente da disciplina que lecionava, em duas escolas do ensino fundamental, posteriormente em cada escola foi realizado uma palestra para apresentação da proposta aos gestores, professores. Em seguida, como meio de investigação dos fatos, foi aplicado um questionário semi-estruturados junto aos professores e professoras, com a finalidade de levantamento dos dados, os quais foram escolhidos aleatoriamente e de acordo com o interesse e disponibilidade em responder. Foi dado um tempo para ser respondido e recolhido pelo autor da pesquisa. O mesmo procedimento foi adotado nas duas escolas. O questionário constou de um cabeçalho, no qual foi solicitado ao/à entrevistado/a informar sua idade e sexo, com o propósito de evitar constrangimentos por parte dos/as entrevistados/as, os questionários foram anônimos. Após levantamento destes dados, seguiu-se uma sequência de quatro questões todas fechadas e objetivas sobre a temática *bullying* homofóbico, buscando assim conhecer a realidade dessas escolas e das comunidades, para identificar a percepção dos professores e professoras a respeito do *bullying* homofóbico. (**Apêndice A**). Os professores e professoras assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E) (**Apêndice B**).

Análises dos Dados

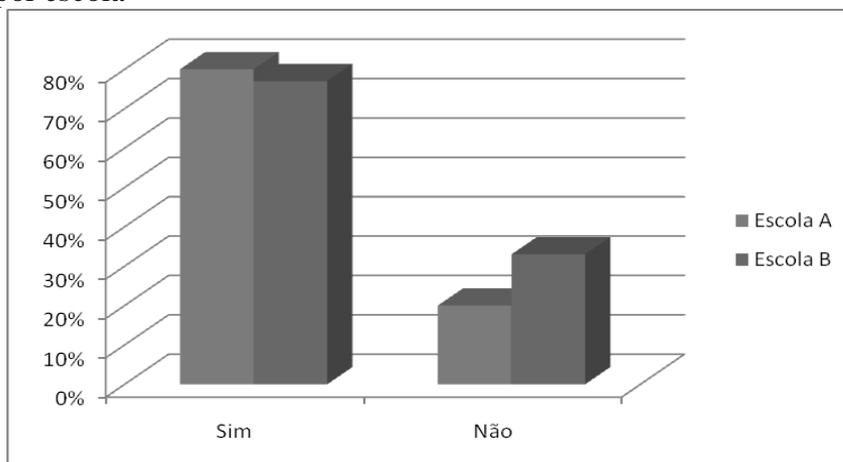
As respostas ao questionário da percepção dos/as professores/as foram tabuladas por escola. Para a organização das informações quali-quantitativas foram usados os programas Microsoft Office Word 2007 (para a construção do artigo) e uma planilha eletrônica do programa Microsoft Office Excel 2007, a qual serviu também como ferramenta para a produção dos gráficos. Durante análise das respostas obtidas nas questões, utilizou-se um método estatístico descritivo, sendo apresentado nos gráficos e tabelas frequência relativa e absoluta de acordo com a escola. Os resultados de cada escola foram avaliados separadamente e posteriormente comparados.

Resultados e discussões

Em se tratando dos entrevistados que sabem ou não o que é *bullying* homofóbico, observou-se de forma geral um resultado bastante favorável na pesquisa tendo em vista que

80% dos professores da escola A e 77% dos/as professores/as da escola B, ou seja, a maioria dos entrevistados/as considera que sabe o que é *bullying* homofóbico. Contra 20% da escola A e 33% da escola B que disseram não saber o que é *bullying* homofóbico (Figura 1).

Figura 1: Comparação do percentual dos entrevistados que sabem ou não o que é *bullying* Homofóbico por escola



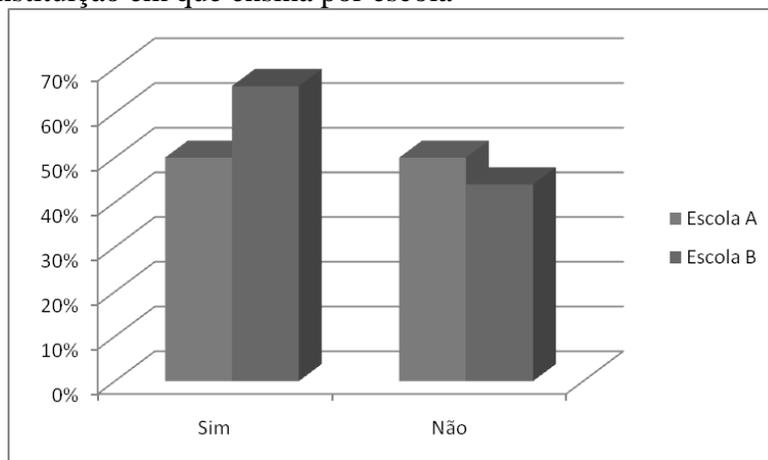
FONTE: Dados da pesquisa, 2015.

De acordo com indícios de realidade e dados de pesquisa, o resultado acima se deve ao fato de que a cada dia ocorre uma crescente abertura sobre esse tema nas esferas sociais. De acordo com Almeida (2013, p.01) "O tema homossexualidade tem sido bastante discutido, provavelmente por possuir um histórico extremamente conturbado e por estar cada vez mais presente na sociedade". Outro aspecto é que por serem educadores/as e formadores/as de opinião e que estão em constante contato com estas questões, pois, é no espaço escolar que estas questões tornam-se "cada vez mais visíveis, questões relacionadas a corpos, gêneros, sexualidades e tem ocupado uma significativa centralidade em diversas instancias culturais" (RIBEIRO; SOARES e FERNANDES, 2009, p.04). Assim, é evidente a necessidade premente de aprofundar o conhecimento sobre sexualidade, buscando formas de trabalhar o tema de forma fundamentada e não preconceituosa, em sala de aula, em particular no que concerne à homossexualidade. De acordo com César (2009, p.08) "A combinação entre sexualidade e educação é um tema que nos remete aos primórdios da instituição escolar brasileira".

Com relação ao fato de já terem presenciado ou não *bullying* homofóbico na instituição em que ensina, percebe-se coerência na opção predominante definida dos professores e das professoras a qual 50% dos/as entrevistados/as da escola A e 66% da escola B (Figura 2) já presenciaram a prática do *bullying* homofóbico na escola em que leciona

contra 50% e 44%, respectivamente, que afirmaram nunca terem visto casos de bullying homofóbico onde trabalham.

Figura 2: Comparação do percentual dos entrevistados que já presenciaram ou não *bullying* homofóbico na instituição em que ensina por escola



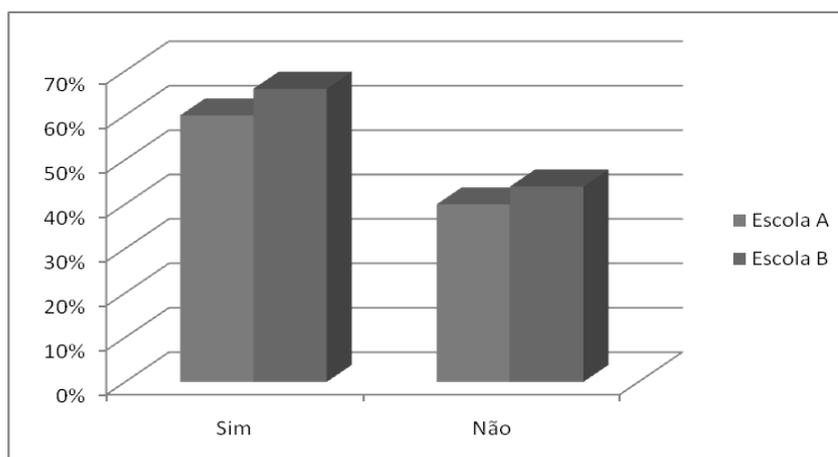
FONTE: Dados da pesquisa, 2015.

Os resultados corroboram os estudos de Aguiar, Freitas e Oliveira (2015, p.) ao afirmar que "verificou-se que a escola, enquanto espaço de socialização, por vezes se constitui como um local de preconceito e discriminação fazendo com que jovens de identidade trans sejam estigmatizados" Isso se dá também pelo fato da escola não se configurar como um ambiente acolhedor e humanista, pois, como nos mostra Barros (2012, p.10) "(...) os jovens homossexuais não recebem apoio da família e não são acolhidos pela escola; do lado dos docentes estes não se sentem preparados para abordar temas ligados à homofobia"

Consideramos importante trazer a reflexão acerca da relação entre o conhecimento dos/as entrevistados/as sobre o que vem a ser bullying homofóbico e a experiência de presenciarem ou não este tipo de bullying na instituição em que ensinam. Vejamos que na escola A, a partir da percepção dos/as entrevistados/as, uma maior parte deles/as (80%) sabem o que vem a ser bullying homofóbico e presenciaram a casos deste tipo de bullying em menor proporção que a escola B (A:50%, B:66%), nesse sentido pode-se aventar que o conhecimento sobre bullying homofóbico pode gerar ações preventivas em torno do bullying homofóbico.

Com relação ao fato de reagirem ou não diante de um *bullying* homofóbico, na instituição em que ensinam, houve coerência na opção predominante definida dos professores a qual 60% dos/as entrevistados/as da escola A e 66% da escola B contra 40% da escola A e 44% da escola B (Figura 3), ou seja, a maioria afirma reagir quando presencia casos de bullying homofóbico na instituição onde trabalha. Esta questão refere-se aos casos de bullying homofóbico em sala de aula e qual a postura do/a professor/a em relação a isso.

Figura 3: Comparação do percentual dos entrevistados que reagem ou não diante de um bullying homofóbico por escola



FONTE: Dados da pesquisa, 2015.

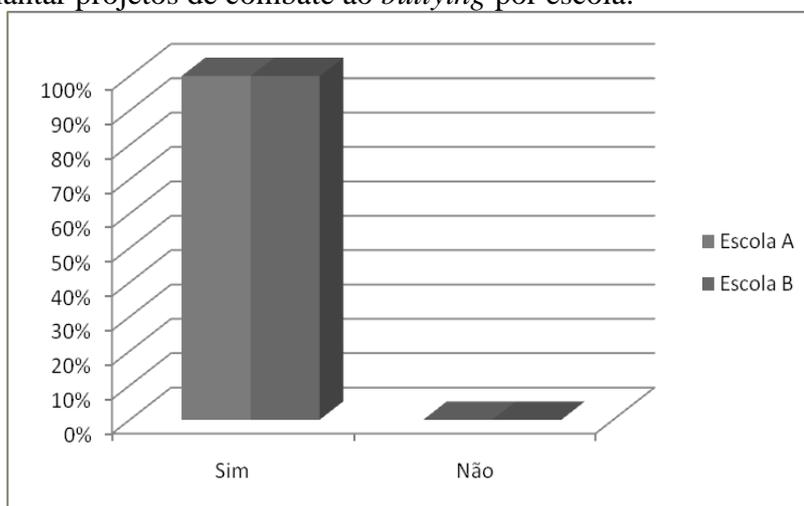
No entanto, torna-se necessário uma abordagem sobre a homofobia, ou seja o que é e como ela se caracteriza dentro do espaço escolar, estando ela relacionada a "um inesgotável estoque de piadas e brincadeiras para depreciar o outro (...)" (BORDIEU, 2002 apud ALENCAR, 2015). Outra forma que a homofobia se apresenta é através da agressão física, que segundo a socióloga Mirian Abramovay, relata a existência de uma "microviolência" que está no cotidiano dos estudantes, que é a agressão verbal, o preconceito e em alguns casos a agressão física" (CAROLINA, 2013). O fato apontado na presente pesquisa dos professores reagirem frente a estes conflitos é de extrema importância tendo em vista que o professor é o orientador, ou melhor, o mediador dos conflitos nos espaços escolares, pois de acordo com Freitas (2011, p.14)

A homofobia é sem dúvida uma das maiores problemáticas que exclui jovens homossexuais e influencia na vida acadêmica, não sendo atual ela perpassa vários momentos históricos, mas finalmente se constrói e se solidifica no século XXI como uma das principais formas de "bullying" no sistema educacional brasileiro.

Desta forma, é necessário que seja enfrentado o bullying homofóbico de forma determinada, sem perder de vista medidas preventivas, por todos os professores e professoras, pois, é uma problemática devastadora para a vítima da agressão e, sem dúvida, é um fator primordial para a evasão escolar de gays, lésbicas e pessoas trans que por não agüentarem as piadas, as agreções verbais e, em muitas vezes físicas, acabam abandonando a escola.

Já no que se refere aos/às entrevistados/as que participariam, ou não, de possíveis projetos de combate ao *bullying* homofóbico, observou-se de forma geral um resultado bastante favorável na pesquisa, tendo em vista que 100% dos/as professores/as da escola A e 100% dos professores da escola B (Figura 4), ou seja, todos/as os/as entrevistados/as da pesquisa, participariam se a escola implantasse projetos de combate ao *bullying* homofóbico. O que corrobora plenamente com Ribeiro (2012, p.) "é possível sinalizar que um dos aspectos que mais prejudicam os trabalhos de combate a homofobia é o fato de não existir um projeto institucional que possibilite ações referentes a homofobia". Ainda, segundo Ribeiro (2012, p.02) "A formação continuada de professores para a lida de assuntos pertinentes ao contexto é primordial para que se alcance o referencial de uma educação emancipatória".

Figura 4: Comparação dos percentuais dos entrevistados que participaria ou não se sua escola resolvesse implantar projetos de combate ao *bullying* por escola.



FONTE: Dados da pesquisa, 2015.

Considerações finais

A constituição federal brasileira versa a garantia de todos e a todas ao acesso dos direitos de cidadania, inclusive o direito a não discriminação por orientação sexual; entretanto, isso não é o que se vê na prática, onde gays, lésbicas e as pessoas trans sofrem diariamente com o preconceito e a discriminação, tendo seus direitos humanos mais fundamentais negligenciados, "sendo tratados/as no caso d@s transgêneros como portadores e portadoras de doenças até hoje pelas ciências e conseqüentemente pelos sistemas de saúde que se baseiam nas teorias científicas" (ÁVILA, 2010, p.11), estas pessoas são submetidas constantemente a estigmatização e a violência simbólica nos atendimentos das instituições tendo o acesso e

restrito ou até mesmo negado a saúde e a educação, sendo expulsas das escolas não conseguem ter acesso ao mercado de trabalho qualificado devido a discriminação.

No contexto escolar arapiraquense, assim como observado em diversos lugares do país, vemos diariamente agressões verbais e muitas vezes físicas contra as minorias sexuais, são piadas, xingamentos, ridicularizações, socos e pontapés que se configuram como *bullying* homofóbico, infelizmente muitos desses casos de homofobia passam despercebidos pelos professores e professoras que fazem "vista grossa", outros silenciam ou se ausentam, e ainda há aquele/a que incentivam alunos e alunas a discriminarem seus colegas homossexuais. Todas essas posturas contribuem para a estigmatização e depreciação da pessoa que é homossexual, na escola e na sociedade como um todo.

Diante dessa problemática, no presente estudo, foi possível apreender a percepção acerca das práticas do *bullying* homofóbico no âmbito de duas escolas municipais de Arapiraca, em particular sobre os seguintes aspectos: o conhecimento da problemática quando foi sinalizado que os/as entrevistados/as já possuem uma noção do que é o *bullying* homofóbico; sobre o reconhecimento de que existe a problemática no cotidiano escolar, pois já presenciaram várias vezes estes conflitos na escola; e que quando se deparam com tal prática costumam reagir de forma a apasiguar os conflitos gerados nesta questão, pois muitos relataram que proferem "sermões" quando algum aluno age de forma homofóbica contra outro, mas que apesar de os professores e professoras se disponibilizarem a ter formação específica sobre a temática um dos aspectos que mais prejudica os trabalhos de enfrentamento da homofobia é o fato de não existir, no projeto político pedagógico das escolas do referido estudo, um projeto que possibilite ações referentes ao combate a homofobia. Além disso, ficou claro que a falta de material didático para trabalhar as questões relacionadas à questão de gênero, diversidade sexual e combate ao *bullying* homofóbico é uma preocupação de caráter secundário para essas questões sendo aspectos que dificultam o debate sobre as mesmas. Por outro lado, percebe-se professoras/es com disposição para trabalhar a temática, se esforçam, mas sentem-se isoladas/os sem apoio das/os demais; bem como a carência de aporte teórico e metodológico para o trabalho com o tema em sala de aula.

Esperamos que esse estudo contribua para novas investigações acadêmico-científicas que servirão de aporte teórico e incentivo para professoras/es, discentes e gestoras/es implantem ou ampliem projetos de emancipação e politização fundamentados no combate ao *bullying* homofóbico, servindo como agentes multiplicadores de conhecimento referentes a desconstrução de paradigmas sociais que degradam a pessoa humana.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam. Juventude e sexualidade. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

AGUIAR, M. L. de; FREITAS, M. Z. de; OLIVEIRA, E. S. de. Questões de gênero: relações sociais dxs transexuais e barreiras enfrentadas no ambiente escolar. IX Colóquio nacional representações de gênero e sexualidade. 03 a 05 de jun/2015. Campina Grande -PB. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/genero/trabalhos/TRABALHO_EV046_MD4_SA2_ID964_04052015224005.pdf. Acessado em 06/01/2016.

ALMEIDA, D. M. V. de. Por que estudar o discruso homossexual? Revista (Entre parenteses). PET - Conexões de Saberes - Letras. Universidade Federal de Alfenas. Vol. 1, n.2. 2013. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/articles/view/207>. Acessado em 06/02/2016.

ÁVILA, Simone. Transexualidade e movimento transgênero na perspectiva da diáspora queer. V Congresso da Associação Brasileira de e Estudos da Homocultura – ABEH – realizado em novembro de 2010 em Natal, RN.

BARROS, A. de S. A construção escolar da (in)diferença: a identidade homossexual diante da produção/reprodução do saber/poder sobre a sexualidade no ambiente da escola. Ariús, Campina Grande, Vol. 18, n. 1, jan./jun.2012. Disponível em: http://www.ch.ufcg.edu.br/ariús/01_revistasv18n1/00_ariús_v18_n1_2012_edicao_completa.pdf> Acessado em 05/02/2016.

BORRILLO, D. A Homofobia. Homofobia & educação: um desafio ao silêncio / Tatiana Lionço; Debora diniz (Org). Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009. Disponível em: http://www.sxpolitics.org/ptbr/wp-content/uploads/2009/05/homofobia_e_educacao.pdf>. Acessado em 04/01/2016.

BORGES, Z. N.; MEYER, D. E. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. Ensaio: aval.pol.públ.Educ. [online]. v. 16, n. 58, p. 59-76, 2008.

CAROLINA, J. "Na escola a homofobia é escondida pela tolerancia mascarada". Último Segundo: Educação. iG São Paulo. 03/11/2013. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2013-11-03/na-escola-a-homofobia-e-escondida-pela-tolerancia-mascarada-diz-pesquisadora.html>>. Acessado em 05/02/2016.

CÉSAR, M. R. de A. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epstemiologia". Educar em Revista. Educ. rev. N.35. Curitiba. 2009 http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602009000300004&script=sci_arttext> Acessado em 07/02/2016.

FREITAS, J. C. R. de. Exclusão social, fracasso e evasão escolar de jovens homossexuais. V encontro de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade Senac. 26 e 27 de out/2011. Disponível em: http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/V/anais/comunicacao/012_2011_ap_oral.pdf> Acessado em 10/02/2016.

LYRA, Gabriela Franco Dias; CONSTANTINO, Patrícia; FERREIRA, Ana Lúcia. Quando a violência familiar chega até a escola. In: ASSIS, Simone Gonçalves de. (Org.). Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2010.

O GLOBO Alagoas registra caso de bullying homofóbico em escola pública. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/alagoas-registra-caso-de-bullying-homofobico-em-escola-publica-2800434>. Acessado em 04/02/2016.

PIOVESAN, A. TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. Rev. Saúde Pública vol. 29 no. 4 São Paulo Aug. 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=sci_arttext. Acessado em 10/02/2016.

RIBEIRO, Alex Leonardo. Homofobia: a percepção do professor mediante essa prática no ambiente escolar. 2012. Disponível em: <http://www.jk.edu.br/arquivos/downloads/artigo-homofobia-1-01615128.pdf>. Acessado em 10/02/2016.

RIBEIRO, Marisa Marques; MARTINS, Rosilda Baron. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: a realidade velada e desvelada no ambiente escolar. Curitiba: Juruá, 2006.

APENDICE A - Questionário para @s professor@s da EJA noturno.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO EDIVERSIDADE NA ESCOLA

Idade: _____ Sexo: _____

1. Baseado em observações empíricas, você sabe o que é *bullying* homofóbico?

Sim _____ Não _____

1. Baseado em sua experiência profissional, você já presenciou *bullying* homofóbico na insituição que voce ensina?

Sim _____ Não _____

1. Baseado em sua experiência profissional, você reage ao detectar *bullying* homofóbico na insituição que voce ensina?

Sim _____ Não _____

1. Baseado em seu formação profissional, você participaria se resolvessem implantar projetos de combate ao *bullying* por escola na insituição que voce ensina?

Sim _____ Não _____

Título do trabalho: A percepção d@s professor@s da EJA de duas escolas municipais de Arapiraca perante alun@s vítimas de *bullying* homofóbico. **Pesquisador:** César Pereira da Silva

APENDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido (T. C. L. E)

Termo de consentimento livre e esclarecido (T.C.L.E)

(Em duas viasfirmado por cada participante-voluntário(a) da pesquisa e pelo responsável)

Eu.....tendo sido convidado (a) a participar voluntariamente da pesquisa: **A percepção d@s professor@s da EJA de duas escolas municipais de Arapiraca perante alun@s vítimas de bullying homofóbico.** Que será realizada na escola em que trabalho recebi do pesquisador César Pereira da Silva, biólogo,graduado pela Universidade federal de Alagoas e aluno do curso de pós graduação pela mesma instituição, e responsável pela execução da mesma as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

1) Que o estudo se destina a avaliar a percepção que os professores e professoras tem sobre o bullying homofóbico no contexto escolar da EJA noturno, do município de Arapiraca Al;

2) Que a importância desse estudo é de contribuir com a melhor formação e conscientização dos professores e professoras em relação ao combate ao bullying homofóbico em contexto escolar;

3) Que os resultados que se desejam alcançar são relacionados ao trato dos professores em relação aos alunos homossexuais, se eles percebem em sala casos de preconceito e homofobia, como os professores reagem em relação a essa violência, e a própria análise do preconceito presente no próprio profissional;

4) Que este estudo começará no período dos meses de Novembro de 2015 a Janeiro de 2016;

5) Que eu participarei da pesquisa da seguinte maneira: a) participarei do levantamento de dados a partir de um questionário composto por 4 questões.

6) Que os possíveis riscos a minha saúde física e mental são desconforto, medo, inibição, e conseqüentemente recusa a aceitação a pesquisa;

7) Que o pesquisador adotará as seguintes medidas para minimizar os riscos antecipadamente, informando quanto a liberdade de responder ou não as perguntas, podendo expressar livremente o que pensa sobre o assunto sem prejuízo pessoal, e sem intervir na sua rotina diária; e, para evitar quaisquer constrangimentos o questionário será aplicado individualmente na própria escola;

8) Que sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre a pesquisa;

9) Que, a qualquer momento eu poderei recusar a continuar participando do estudo, e também, que eu poderei retirar esse meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e, estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios, que a participação implica, concordo que dela participei e, para tanto DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço do participante voluntário (A):

Domicilio (rua, conjunto):.....

Bloco:.....Nº.....Complemento:.....

Bairro.....Cidade:.....CEP:.....

Telefone:.....Ponto de referência:.....

Nome endereço do pesquisador responsável. (Obrigatório)

Nome: César Pereira da Silva

Rua: Manoel Francisco Cazuza, nº 02

Bairro: Santa Edwiges

Cidade: Arapiraca-ALCEP: 57310-260

Telefone para contato: (82) 996411949

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija se ao comitê de ética em pesquisa e ensino (COEPE), pertencente a Universidade Federal de Alagoas.

Arapiraca, _____ de _____ 2015

Assinatura ou impressão datiloscópica
estudo

do voluntário(a) ou responsável legal
(rubrica as demais folhas)

Assinatura do responsável pelo

(rubrica as demais folhas)

Título do trabalho: A percepção d@s professor@s da EJA de duas escolas municipais de Arapiraca perante alun@s vítimas de *bullying* homofóbico. **Pesquisador:** César Pereira da Silva